

UMA ENCENAÇÃO DE ÓPERA E A AUDIODESCRIÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA

Data de Submissão: 19/02/2025

Data de aceite: 05/03/2025

Laura Maria de Figueiredo

Professora do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisadora na área de Pedagogia da Iluminação Cênica e Tópicos de Acessibilidade e Inclusão cultural pela mediação da audiodescrição

Livia Maria Villela de Mello Motta

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Audiodescritora e Diretora da Ver com Palavras

Jefferson Fernandes Alves

Professor do Programa de Pós Graduação em Educação Especial - PPGED/UFRN e no Programa de Artes Cênicas - PPGArC/UFRN. Pesquisa Acessibilidade e Inclusão de pessoas com deficiência em contextos educacionais e culturais nas Artes e no Teatro

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo das formas de recriação verbal de duas imagens estáticas do espetáculo *Rigoletto*, de Giuseppe Verdi, apresentado no Teatro Municipal de São Paulo em 2019, visando a audiodescrição e a acessibilidade de

pessoas com deficiência visual. Em relevo as imagens do espaço cênico são descritas por textos que buscam incluir aspectos das atmosferas luminosas presentes nelas. A metodologia da pesquisa traz o processo dialógico/estético (Bakhtin, 1997), estabelecido por uma triangulação espectral para a elaboração da audiodescrição das imagens escolhidas. Como inserir os efeitos luminosos e suas funções na encenação do espetáculo nestes textos descritivos? O dialogismo do processo vivenciado nos papéis de roteirista, revisor/ora e consultor/consultora com deficiência visual faz emergir, colaborativamente, o texto que descreve dois desenhos do projeto cenográfico. Apresentamos aspectos das demandas desta tarefa de criação de descrições para acessibilidade, articuladas com a presença da luz nestes textos.

PALAVRAS-CHAVE: Iluminação Cênica; Audiodescrição Teatral; Acessibilidade cultural.

AN OPERA STAGE AND THE AUDIO DESCRIPTION OF STAGE LIGHTING

ABSTRACT: This article presents a study of the forms of verbal recreation of two static images from the show *Rigoletto*, by Giuseppe Verdi, presented at the Municipal Theater of São Paulo in 2019, aiming at audio description and accessibility for people with visual impairments. In relief, the images of the scenic space are described by texts that seek to include aspects of the luminous atmospheres present in them. The research methodology uses the dialogic/aesthetic process (Bakhtin, 1997), established by spectator triangulation to prepare the audio description of the chosen images. How to insert lighting effects and their functions in the staging of the show in these descriptive texts? The dialogism of the process experienced in the roles of screenwriter, reviewer and visually impaired consultant collaboratively results in the text that describes two drawings of the scenographic project. We present aspects of the demands of this task of creating descriptions for accessibility, articulated with the presence of light in these texts.

KEYWORDS: Stage Lighting; Theatrical Audio Description; Cultural accessibility.

O processo de elaboração de um texto de audiodescrição é enraizado no compromisso ético de proporcionar uma mediação linguística, para transformar o visual em verbal, visando a audibilidade do mesmo pela pessoa com deficiência visual. No território das Artes, a audiodescrição precisa orientar-se pela perspectiva de proporcionar uma experiência estética daqueles que usufruem das obras audiodescritas. (Alves, 2017). No caso dos espetáculos cênicos, o serviço de audiodescrição estabelece uma coadjuvância com a apresentação ao vivo. A Ópera é um gênero de encenação teatral que tem um vasto histórico de manejos estéticos e tecnológicos desde que surgiu no século XVI na Itália. Geralmente um espetáculo de ópera contém cenários monumentais repletos de signos visuais narrativos, simbólicos ou alegóricos e muitos efeitos de luzes. (Del Nero, 2009, p.211- 215). A tarefa de descrever os elementos visuais de uma encenação teatral traz desafios de formulações verbais para traduzi-los, especialmente os relacionados com a iluminação cênica. (Figueiredo; Motta; Alves, 2024).

A audiodescrição para espetáculos de ópera já acontecia desde os anos 1950 na Espanha, onde os aspectos visuais das encenações eram descritas em serviços de radiodifusão em Barcelona, realizados com uma técnica narrativa-descritiva desenvolvida por Gerard Esteban e Jorge Arantes, que são consideradas precursoras históricas de técnicas para audiodescrição. (Aderaldo; Mascarenhas; Alves; Dantas, 2016, p.19). A ópera *Sansão e Dalila* de 1877, composição musical de Saint-Saens com libreto de Ferdinand Lemaire, teve uma montagem produzida em 2009 no XIII Festival Amazonas de Ópera, onde foram oferecidos os serviços de audiodescrição pela primeira vez no Brasil, para este tipo de espetáculo (Franco; Silva, 2010, p. 27). Também, de forma pioneira, o *Teatro São Pedro* em São Paulo incluiu os serviços de audiodescrição nas montagens realizadas nas temporadas de 2009 a 2011.

O artigo *A audiodescrição vai à ópera* (Motta, 2010), apresenta aspectos da acessibilidade cultural e os *feedbacks* da plateia com deficiência visual, nestes contextos entre o festival do Amazonas e as temporadas no Teatro São Pedro. Desde esta época, que podem ser consideradas como primórdios dos serviços de audiodescrição no Brasil, difundiu-se uma cultura de inclusão da pessoa com deficiência visual na equipe que elabora o roteiro de audiodescrição.

No artigo *Opening eyes to opera: The process of translation for blind and partiallysighted audiences*¹ Sarah Eardley-Weaver (2013), aborda a audiodescrição de uma ópera empregando uma metodologia integrada com os chamados *touch tours*² da plateia com deficiência visual pelos elementos visuais do palco, desenvolvendo uma abordagem antropológica, em base da *actor-network theory*³, para promover a acessibilidade aos elementos visuais do espetáculo. A autora defende que o processo da audiodescrição deve sempre incluir a perspectiva e a presença da pessoa com deficiência visual.

No Brasil a audiodescrição foi normatizada pela ABNT NBR 16452 de 2016, o qual é resultado de intenso trabalho em comissões civis para sua estruturação legal. O projeto circulou em consulta nacional para debate e definição dos protocolos comunicacionais propostos no documento. (Aderaldo; Mascarenhas; Alves; Dantas, 2016). A norma recomenda que o roteiro receba avaliação e validação da fruição por um/uma pessoa cega, ou uma pessoa com baixa visão denominada audiodescritor/a consultor/a. Os diálogos de trabalho dentro de uma equipe de audiodescrição trazem a potência da lapidação dos enunciados, por meio das parcerias ou tensões dialógicas, onde e quando as experiências de vida/cultura e os vocabulários das pessoas envolvidas, se entrecruzam na tessitura das experiências estéticas. (Alves, 2017)

Considerando estes aspectos da audiodescrição, que implica neste encontro dialógico entre sujeitos com ou sem deficiência visual para a elaboração e revisão destes textos, trazemos as ideias de dialogismo poético e estético em torno de um texto, pensado com Mikhail Bakhtin (1997), para conduzir os movimentos deste processo responsivo de construção de sentido, envolvido nas fruições das imagens pela via verbal. O trabalho preliminar com imagens estáticas traz o ensejo de observação acurada das características de alguns aspectos visuais da ópera *Rigoletto*, de Giuseppe Verdi, encenada no Teatro Municipal de São Paulo em 2019, com direção de Jorge Takla, cenografia de Nicolás Boni e iluminação de Ney Bonfante.

1. **Abrindo os olhos para a ópera: O processo de tradução para plateias de pessoas cegas ou com baixa visão.**

2. Passeios sensoriais em base da apreensão tátil dos objetos, destinados às pessoas com deficiência visual.

3. Trata-se de uma teoria de pesquisa etnográfica e antropológica que busca estabelecer um ou alguns representantes das outras vozes entre os grupos estudados, de tal sorte que os esforços tradutórios para estabelecer comunicação são compartilhados com estes representantes. A ação de acessibilidade pode ser organizada de forma suave a partir destas orientações tradutórias. Porém, tais sujeitos podem ser contestados, dando lugar à rachaduras nesta rede de comunicação.

O processo dialógico dinamizado para realizar as descrições destas imagens, traz uma abordagem qualitativa, onde apresentamos aspectos da elaboração deste conteúdo pedagógico, direcionado à compreensão dos papéis da luz nos conjuntos semióticos mostrados nas fotografias. Estas foram escolhidas para integrar o material didático de uma aula de iluminação cênica, destinado a roteiristas e consultores(ras) de audiodescrição, bem como a estudantes de Teatro interessadas/dos em audiodescrição e acessibilidade cultural neste segmento. Esta aula foi parte do curso “*As palavras e as luzes: uma imersão da audiodescrição da iluminação teatral*”, foi realizado no formato remoto, em nível nacional, contando com 20 horas, durante outubro e novembro de 2022.

As descrições destas fotografias procuram ressaltar aspectos estéticos da luz em suas relações com cenários, espaço e encenação. Neste sentido, o vocabulário inicial do material preparado pela roteirista, trazia um volume de informações permeadas pelo jargão técnico-estético da iluminação cênica, de tal sorte que os filtros da interlocução com o consultor cego e da mediação do olhar da consultora que enxerga, modificaram substancialmente este texto. A triangulação espectral para a fruição das imagens e preparação destas descrições, foi realizada com a participação da audiodescritora, consultora que enxerga, Keli Araújo, e o audiodescritor/consultor Kim Arouca que é cego.

Apresentamos aqui os dois textos resultantes dos encontros dialógicos de revisão, bem como alguns aspectos do processo de escolha para os vocabulários.

UM MODO PARA DESCREVER CENA E LUZ TEATRAL A PARTIR DE FOTOGRAFIAS

O trabalho da audiodescrição para teatro é pautado por marcos técnicos, que indicam pontos de enfoque necessários para transformar em texto todos os elementos visuais relevantes presentes na encenação. Numa primeira camada de leitura aponta as características morfológicas do que descreve, (Snyder, 2014). Numa camada a seguir busca-se descrever as articulações internas dessas imagens que produzem enunciados importantes para a fruição estética do espetáculo. (Schwartz, 2019). O texto segue a temporalidade do espetáculo e tem o compromisso de trazer as informações relevantes, sem antecipar ou interpretar os sentidos dos enunciados visuais das sequências das cenas. O frescor e a espontaneidade de descobrir e entender as camadas de sentidos das encenações, fazem parte do prazer de ser espectador de teatro. (Nóbrega, 2012). A plateia cega ou com baixa visão acessa a construção do entendimento da estética e da poética visual do espetáculo, a partir da fruição audiodescrição, em simultaneidade com a fruição da pessoa que enxerga, ambas dividindo seus locais entre a plateia, no espaço-tempo da apresentação teatral. (Nascimento, 2017).

As imagens apresentadas neste trabalho fazem parte do material didático elaborado para o curso de extensão, cuja turma é de pessoas sem conhecimentos prévios sobre iluminação cênica, mas com experiência com audiodescrição, seja como usuárias destes serviços, seja como profissional com ou sem deficiência do segmento de audiodescrição para teatro.

Lívia Motta (2016), propõe alguns procedimentos para descrever fotografias :

1) o objeto fotografado (o que/quem); 2) de onde foi fotografado (a que distância, de que ângulo; 3) como foi feito o enquadramento da câmera (recorte do objeto, pessoa ou cena); 4) espaço e o tempo a que se refere (onde e quando); 5) composição: iluminação e os planos (primeiro plano e plano de fundo). (Motta, 2016, p. 62).

Além destes procedimentos agregamos algumas considerações sobre o papel da iluminação cênica no espaço, cenários e encenação, de forma a construir um itinerário de pontos de observação, para determinar a pertinência desta informação ser registrada na descrição. Para organizar tais observações em direção ao projeto semiótico desta encenação da ópera *Rigoletto*, partimos de uma concepção do espetáculo de ópera retirada de Adolphe Appia (2022)

O *Wort-Tondrama*,⁴ é a forma dramática que dita com o máximo de precisão o papel do ator; ele é mesmo o único drama capaz de fixá-lo rigorosamente em todas as suas proporções. É, pois, o único que autoriza o ator a determinar por meio da praticabilidade as relações da plantaçoão⁵ com a iluminação e a pintura, e a comandar assim, por ordem de seu próprio papel, toda a economia representativa. (Appia, 2022, p. 142-143).

O desenvolvimento de um método de abordagem para ler e escrever sobre a iluminação cênica nestas fotografias, deriva do entendimento desses arranjos espaciais expressivos, definidos por Adolphe Appia (2022), como elementos constitutivos de uma certa “economia representativa”, no contexto dos espetáculos de óperas. Esta economia de funções que interagem num sistema ordenado de enunciados para os enredos dos dramas musicais encenados, implicam nestes arranjos entre espaço/objetos - corpos de artistas – luz – pinturas, presentes na representação/apresentação. Trazemos essa intencionalidade na produção destes textos, permeados com palavras e expressões que traduzam poéticas cênicas entendidas como um conjunto organizado e funcional.

Encontramos na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, (Bakhtin, 1997), pistas teóricas para pensar os processos dialógicos que permeiam a produção de criações verbais para o nosso contexto de acessibilidade e inclusão cultural. Nesse sentido, orientamos nossas observações pelo entendimento de que as palavras são meios de compartilhar significações, transmitidas por vocabulários que emergem das relações dialógicas, pois “toda

4. Trata-se de um gênero de Drama Musical, nomeado desta forma *Wort-Tondrama* no original por A. Appia, que referia-se, especialmente, ao conjunto de óperas do autor alemão Richard Wagner (1813-1883).

5. Podemos também traduzir por “arranjo espacial”, o conceito de “plantation”, no original de Appia, traduzido por “plantação” na edição aqui referenciada. Em síntese, é o espaço cênico intencionalmente construído como suporte arquitetural e estético para o espetáculo teatral.

vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística etc), está impregnada de relações dialógicas” (Bakhtin, 1997, p. 209).

O autor russo pontifica que a vida das palavras presentes nos atos e eventos de comunicação, são configuradas pelos contextos das relações dialógicas, as quais são impregnadas de lógicas concreto-semânticas destes grupos. Mesmo que não sejam redutíveis a elas, as relações dialógicas produzem dinâmicas dialéticas produtoras de sínteses promotoras de sentidos e de efetiva comunicação. (Bakhtin, 1997, p.210). Nesse sentido, os fenômenos de comunicação são consequência das relações semânticas, que acontecem nos grupos de pessoas que interagem dialogicamente, ou também, num contexto de, no mínimo, dois sujeitos que dialogam.

Contextualizado a partir destas premissas, o texto descritivo foi roteirizado na busca de informar os arranjos espaciais/humanos, e a pintura, presente nos cromatismos construídos pelos efeitos luminosos impressos nos elementos das imagens. O processo deu-se a partir de dois encontros de duas horas cada um, onde a descrição elaborada pela roteirista, foi colocada em diálogo, via encontro remoto, com o consultor e a revisora. Este trabalho teve roteiro de Laura, com consultoria de audiodescrição de Keli Araújo, que enxerga e revisão do audiodescritor/consultor cego, Kim Arouca.

A seguir apresentamos algumas das fotografias descritas para a acessibilidade de pessoas com deficiência visual, a partir destas considerações. Os elementos cenográficos são descritos em suas morfologias e localização no enquadramento da fotografia, que no caso, são idênticos aos do palco originalmente.

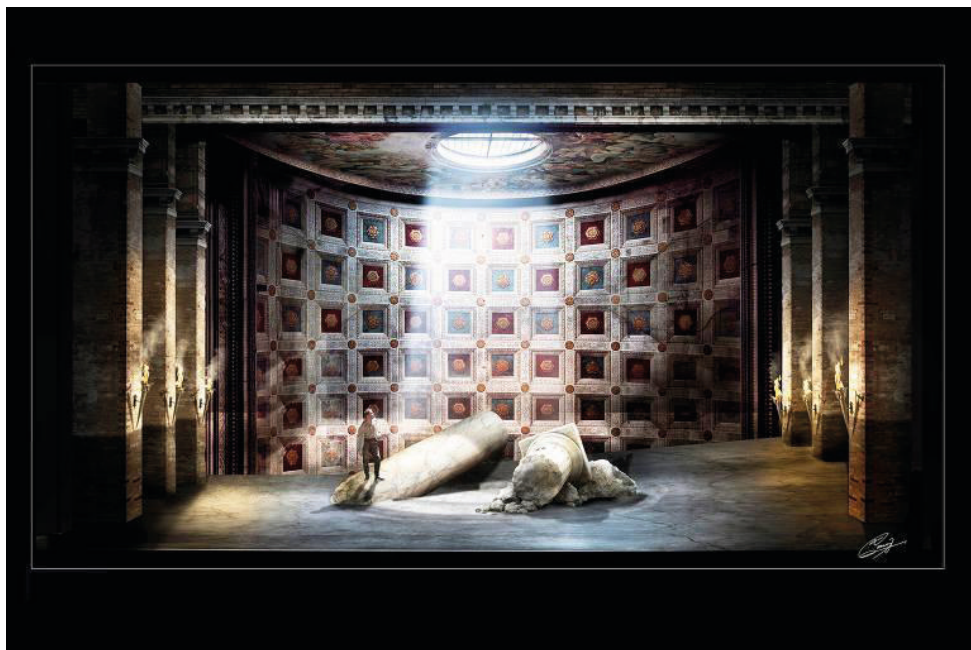


Figura 1 – Desenho digital de cenografia *Rigoletto* – Ato 2

Autor: divulgação.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/07/rigoletto-leva-trama-de-assedio-vinganca-e-poder-ao-theatro-municipal-de-sp.shtml>. Acesso em: 29/09/2021.

[Audiodescrição]: Fotografia do desenho digital da cenografia do segundo ato da ópera *Rigoletto* para a montagem no Teatro Municipal de São Paulo em 2019. Ao fundo é projetada no telão, uma parede com quadrados em vermelho e azul com brasões dourados. O teto é redondo com uma clarabóia por onde passa uma forte luz branca, que ilumina o centro do palco e duas partes de uma coluna de mármore quebrada. Em cima de uma delas há uma pequena figura humana. Nas laterais, três colunas de cada lado, com um archote de fogo pendurado em cada uma. [Fim da audiodescrição].

Nesta descrição procuramos salientar a presença forte da luz da clarabóia. Na economia representativa do conjunto semiótico constituído por espaço - cenário – luz, temos a presença da palavra archote. Para a fruição neste contexto representativo, o consultor avalia que ela basta para descrever a luminosidade dos ambientes internos de corredores dos palácios aristocráticos ou castelos dos séculos XV a XVIII, com alto teor de penumbras e zonas obscuras. Desta forma, a descrição na Figura 1 busca traduzir este código visual seguido pela iluminação cênica, como reforço para construir a atmosfera sombria e de baixa intensidade luminosa, proporcionalmente acompanhando a presença das personagens na imagem. Os vocábulos : clarabóia e archotes nas laterais dão conta para transmitir as atmosferas luminosas da imagem.

O texto resultou curto e compacto, por conta do processo anteriormente mencionado de depuração dos enunciados. Como ressaltamos, a fruição da pessoa com deficiência visual demanda um esforço de concentração, de tal forma que textos sucintos são apreciados. A célebre frase “*less is more*”, é um norte para se buscar no processo dialógico da criação verbal descritiva para audiodescrição.



Figura 2 – Desenho digital de cenografia de *Rigoletto* - Ato III

Autor: divulgação.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/07/rigoletto-leva-trama-de-assedio-vinganca-e-poder-ao-theatro-municipal-de-sp.shtml>. Acesso em: 21/092021.

[Audiodescrição] : Fotografia do desenho digital da cenografia do terceiro ato da ópera *Rigoletto* para a montagem no Teatro Municipal de São Paulo em 2019. O cenário representa a taberna de *Sparafucile*, com dois andares, construída nos destroços de um barco naufragado. Na parte de baixo do barco, em madeira escurecida, o esqueleto do arcabouço da embarcação. À esquerda, no andar superior, uma pequena parte que restou do barco, com a ilustração de uma mulher escorada no parapeito da proa, e atrás dela, um homem. Ao fundo, projeção das águas turvas do rio que se encontram com o horizonte do céu cinzento, carregado de nuvens que anunciam tempestade. [Fim da audiodescrição]

Este desenho traz na descrição o protagonismo da presença da atmosfera de tempestade que se anuncia, desenhada pelo conjunto semiótico de iluminação cênica e projeção na tela. A morfologia do barco encalhado trouxe para o trio de descritores algumas dificuldades para unificar a imagem dos destroços e sua espacialização entre arcabouço e proa espalhados.

Pode-se observar que as palavras e as expressões trazem um ordenamento constituído para a fruição da pessoa com deficiência visual, de tal modo que ela possa juntar cada frase como um fragmento descritivo, que vai formar o completo da imagem ao final. O processo começa pelo olhar da roteirista que busca configurar na audiodescrição aspectos fundamentais dos objetos presentes no projeto cenográfico e nos pontos em destaque tingidos por atmosferas luminosas.

A audiodescritora revisora Keli Araújo, começa a ‘enxugar’ o texto, tal como uma pessoa da plateia que enxerga e que tem o seu foco de atenção direcionado, para determinadas áreas e regiões do palco e da fotografia, conforme a presença dos cenários são dispostos no espaço. O audiodescritor/consultor Kim Arouca, depura esse ordenamento ao indicar como as informações devem seguir uma sequência, que lhe proporcione a construção mental da imagem, ao mesmo tempo que esta não se estenda demais no volume de palavras e no tempo de atenção despendido. Neste momento o texto recebe mais uma camada de acabamento, que é a diminuição de informações/palavras, para que permaneça o estritamente necessário para absorver o conteúdo da audiodescrição. A pontuação das frases é meticulosamente revisada, para proporcionar essa leitura sequencial e de forma modeladora dos traços morfológicos, que buscam configurar aspectos estéticos e comunicacionais relevantes dos desenhos do cenário e da luz.

CONSIDERAÇÕES QUE SE ABREM

Podemos identificar nas características destes textos para audiodescrição dois movimentos simultâneos de criação verbal para tradução de imagens: uma descrição de morfologias dos objetos e dos espaços e outra interpretativa de atmosferas dramáticas codificadas em cromatismos ou jogos de luzes e sombras sobre espaço e cenários. Para tanto, trouxemos a ideia de “economia representativa”, para pensar essa forma de observar a imagem, para realizar a leitura do conjunto semiótico, de tal sorte a destriçar os principais elementos visuais que constituem o conjunto semiótico do projeto cenográfico, relacionados ao enredo dos atos 2 e 3 da ópera de Verdi. A tarefa de criar o texto de audiodescrição implica no encontro dialógico de vocabulários explorados para traduzir as construções imagéticas advindas das ações da iluminação cênica. Esta tradição de telas ou telões apoiando o discurso visual nos espetáculos de ópera, faz parte das poéticas deste drama musical desde sua origem. Por conta disso, e ampliando o alcance das relações dialógicas em base das ideias de M. Bakhtin (1997), pode-se derivar destas imagens toda uma contextualização didática para o letramento sobre aspectos da iluminação cênica, presentes no curso de extensão, ou talvez, em outros encontros de discussão sobre a linguagem da luz no teatro.

No âmbito da pedagogia do teatro, este estudo pode subsidiar que incluam incursões por este método de tradução dos efeitos luminosos no teatro, neste diálogo intersemiótico do visual para o verbal. Além disso, podemos promover ações de acessibilidade e inclusão cultural de pessoas com deficiência visual, pautadas por aprofundamentos em favor da formação de plateias com conhecimentos sobre esta linguagem do teatro, que é a iluminação cênica.

No campo da audiodescrição para teatro acompanhamos as articulações indissociáveis que proporcionam a fruição da plateia com deficiência visual, para quem efetivamente estes textos apresentam seu valor. Posterior ao trabalho da triangulação espectral que produziu os dois textos descritivos para as imagens, vem a instância da sala de aula do curso, onde um outro círculo de diálogos se abre, para sondar a fruição destas imagens estáticas. A partir dessa lupa apurada na fixidez destes desenhos digitais, buscamos pavimentar uma

espécie de letramento para uma posterior abordagem das imagens em movimento no vídeo do espetáculo, que foi tema de outro módulo do curso. As relações dialógicas presentes na triangulação espectral do processo colaboram para a promoção da acessibilidade aos temas da iluminação teatral, visando a produção de textos de audiodescrição.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, Marisa Ferreira; MASCARENHAS, Renata de Oliveira; ALVES, Jefferson Fernandes; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; DANTAS, João Francisco de Lima (Org.). **Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição**. Natal: EDUFERN, 2016.

ALVES, Jefferson. *Audiodescrição e recepção teatral: um diálogo (im)pertinente entre o invisível e o visível da cena*. In: DESGRANGES, Flávio; SIMÕES, Giulia. (Orgs). **O Ato do Espectador: Perspectivas artísticas e pedagógicas**. São Paulo-Florianópolis: Hucitec Editora, 2017, p.181-195.

APPIA, Adolphe. **A Obra de Arte Viva e outros textos**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária/GEN, 1997.

DEL NERO, Cyro. **Máquina para os deuses: Anotações de um cenógrafo e o discurso da cenografia**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

FRANCO, Eliana. SILVA, Manoela. *Audiodescrição: Breve Passeio Histórico*. In MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (Orgs): **Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. p.23-42.

FIGUEIREDO, Laura; MOTTA, Livia; ALVES, Jefferson. **A audiodescrição como mediação para estudar o papel da luz no teatro visual de Robert Wilson**. São Paulo: Revista Sala Preta, v.23, n.2, 2024, p. 186-207.

MOTTA, Livia. **Audiodescrição na Escola: abrindo caminhos para leitura de mundo**. Campinas: Pontes, 2016.

MOTTA, Livia. *A audiodescrição vai à ópera*. In: MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (Orgs.) **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

NASCIMENTO, Anna Karolina Alves. **Audiodescrição e mediação teatral: o processo de acessibilidade do espetáculo De Janelas e Luas**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017.

NÓBREGA, Andreza. **Caminhos para a inclusão: uma reflexão sobre audiodescrição no teatro infanto-juvenil**. Recife, 240f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

SCHWARTZ, Letícia. **Através do prisma: a audiodescrição como provocação à percepção do espectador com deficiência visual**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

SNYDER, Joel. **The Visual Made Verbal: A Comprehensive Training. Manual and Guideto the History and Applications of Audio Description**. Washington: American Council of the Blind, 2014.